

CHRONIQUETA

Rio, 21 de Fevereiro de 1895.

As Missões.—Quintino Bocayuva.—Humorismos.—A comissão do Planalto.

A victoria da nossa Patria na velha questão do territorio das Missões foi dignamente celebrada pela imprensa e pelo povo. O contentamento é geral, a satisfação é legitima, e não ha elogios bastantes para o Dr. José Maria da Silva Paranhos, que tão digno se mostrou da herança d'esse grande nome.

Entretanto, é de lastimar que o laudo do presidente dos Estados Unidos em favor do Brazil tenha dado logar a um desencadeamento de ruins paixões, e que o nome glorioso de Quintino Bocayuva, o brasileiro a quem mais se deve, talvez, o 15 de Novembro, seja o alvo das mais ignobes mofinas, arrastado na immundicie dos «a-pedidos», esse noventa esquadro da bilis publica.

Não faço aqui a defeza do ministro dos estrangeiros do Governo Provisorio, em primeiro logar porque a sua defeza não está por fazer, e em segundo logar porque ele é bastante forte para dispensar os bons officios de estranhos; mas dóe-me, realmente, ver insultado pela molecagem anonyma um compatriota nosso que tanto e tão nobremente trabalhou em prol da democracia, sacrificando os melhores annos de sua mocidade em beneficio da causa do povo, e dando-lhe todo o vigor da sua vida e do seu talento.

Almas de lama essas que assim pagam os beneficios de hontem!...

Afóra essas ruindades da politica, foi a quinzena de uma semsaboria de morte.

Os boatos de conspiração cessaram, mas o cambio continuou a baixar e os bondes electricos a esmagar inoffensivos transeuntes.

J. Guerra, o risonho escriptor que se popularizou nas columnas do *Paiç*, publicou em um volume de mais de 500 paginas, a primeira série dos seus *Humorismos*, um livro cheio de talento, de observação e de espirito, que eu recomendo ás minhas boas leitoras.

Está publicado tambem o importantissimo relatório dos trabalhos da comissão incumbida de demarcar em Goyaz a area do futuro districto federal, comissão cuja chefia foi em boa hora incumbida ao Dr. Luiz Cruis.

Não cabe nos limites d'esta ligeira chroniqueta a apreciação d'esse bello trabalho, admiravelmente completo, que tanto honra o eminente astronomo e seus distinctos auxiliares. A comissão deu a melhor copia de si, e tornou-se credora do agradecimento publico.

Tanto o relatório, intercalado de photographias, como o atlas que o acompanha para exacta elucidação do texto, sahiram das officinas Lombaerts, que mais uma vez se mostraram na altura de um estabelecimento industrial de primeira ordem.

Cumprimento com entusiasmo a comissão do Planalto, representada na pessoa illustre e sympathica de Luiz Cruis.

ELOY, O HERÓE.

Na floresta

Eis-nos emfim no seio da floresta.
De que te abysmas? Dize... emquanto scismo;
E' da folhagem?... Sim! Tambem me abysmo;
Do sol que a tua têz inda não crêta?

Julgas agora, que elle a pino, resta
Em cima deste ipê convulso ao trismo
Do vento intermittente? — O syllogismo
Do ar que perpassa na virente fresta?!

De que te abysmas?!... Ouve: — A architectura
Da floresta idéal tem tal altura,
Que a Virgilio causára só desmaios!

Abranda, em teu olhar, o plaustro ardente,
Que pode atear fogo comburente
A's plantas todas... — imitando os raios!... —

CINCINATO GUTERRES

Recordações militares

Nós tinhamos, na guarda imperial, alguns typos curiosos.

Nos dragões da Imperatriz o tenente-coronel Jouve (Moussu Zouve), d'Arles, como o chamavamos, era um excellente homem e um valente, que tivera o braço quebrado em um combate contra os Mahtas, mas que ninguem tomava ao sério por causa de sua exhuberancia meridional.

Vejo-o ainda, este pobre Jouve, constantemente assaltado por seus primos d'Arles, apparecia-lhe um todas as manhãs. Eu devia precedel-o até o portão do coronel e não só não ficava invejoso, como ainda se collocava sob minha inutil protecção.

Um dia, num baile das Tulherias fui abordado por elle. Apertando-me as mãos com effusão para me contar as suas penas, acabou por exclamar:

«Meu querido Du Barail faça-me nomear coronel. Não é por mim, meu Deus, é pelo regimento cuja felicidade eu quero fazer. E esta ultima palavra enchia-lhe a bocca. Emfim foi nomeado coronel para o 7º de lanceiros; no dia seguinte corria ao ministro para pedir que o 7º de lanceiros fosse enviado a Tarascon. O ministro ficou encantado de achar um coronel que pedisse a guarnição de Tarascon que toda a gente recusava. Ahi está o nosso Jouve que vai fazer a felicidade de seus lanceiros em plena Provença; e esta felicidade consistia em fazer entrar em massa as gentes de Beaucair, de Tarascon, d'Arles e de Marselha no regimento, o qual acabou por exasperar a ponto de pedir a sua retirada.

Um alferes de caçadores chamado Jude, exactamente como o assassino do presidente Ponsot tinha sido cabo de cornetas e era isso um ponto de contacto entre nós; porque eu tambem fui aprendiz de corneta.

Este velho valente fazia as delicias de seus collegas que passavam seu tempo em pragar-lhe peças de todo o calibre.

«Imagina, Jude, disseram-lhe um dia, que toda a policia está a postos. Não roubaram a noite passada, todos os hyeroglyphos do obelisco de Louqson! Ah! os patifes! respondeu Jude se indignando. Nos caçadores d'Africa d'onde elle sahia, havia um velho ajudante de cabellos grisalhos. E como Jude tivesse ouvido dizer vagamente que os Romanos tinham outr'ora occupado a Algeria, persuadiram-lhe que o velho ajudante tinha sido poupado pelos romanos, no momento da evacuação, com vinte annos de viveres.

Jude pertencia ao mesmo esquadrão de Paulo de Molenes.

Escriptor de raça, condiscipulo no collegio Henrique IV do duque d'Aumale, Paulo de Molenes entrara bastante tarde para a vida militar.

Depois da revolução de Fevereiro, engajara-se na guarda movel, em que fora promovido a alferes.

Nos dias de Junho teve o hombro atravessado por uma bala destruindo, á frente de sua companhia, uma barricada no faubourg Saint-Antoine.

Condecoraram-no. Esta cruz e esta ferida fizeram delle um soldado. Entrou para os *spahis*, foi classificado em meu esquadrão, mas nunca se apresentou, porque ficou em Alger, como secretario no estado-maior até sua nomeação para official, o que não se fez esperar.

Nomeado alferes, no momento em que rebentava a guerra do Oriente, partio com o destacamento que o regimento fornecia ao exercito. O general Canrobert que sempre gostou muito delle chamou-o para seu official de ordenança e encarregou o particularmente de velar pela segurança do coronel de La Tour-du-Pin, que, tornando-se completamente surdo e quasi cêgo, incapaz portanto de exercer um emprego, fazia a guerra por sua conta, por prazer, como voluntario com o unico cuidado de se metter sempre no mais embrulhado da peleja.

O general que o recolhera ao seu estado-maior, dizia depois de cada acção: «La Tour-du-Pin, olhe que ainda ha de se fazer matar um destes dias, e já compuz o seu epitaphio — Aqui jaz um valente de meia idade perdido em nossas fileiras»

O epitaphio ia servir. No assalto de Malakoff, La Tour-du-Pin, ferido, foi retirado do campo de batalha. Sobreviveu pouco tempo á sua ferida. De Molenes tornara-se seu inseparavel e fez reviver sua lembrança em paginas de elevada eloquencia.

A amisade de um tal homem e a benevolencia do marechal Canrobert são bellos titulos para um soldado.

Conteur brilhante, litterato de muito pulso, De Molenes era entretanto incapaz de fixar seu espirito distraído sobre os coisas do officio. Era um guerreiro de instincto e não um militar.

Como tenente-coronel eu lhe fazia, assim como aos outros capitães um curso theorico.

Elle comprehendia tudo as avessas e invariavelmente o contrario do que se lhe explicava, Sonhador, imaginativo, até idealisar a aventura a mais vulgar da guarnição, cheio de ideal, refractario á realidade e ás coisas que apenas exigem senso commum com grandes pretensões a elegancia, um culto da excentricidade e uma susceptibilidade quasi doantia: tal era De Molenes. Deixou os caçadores da guarda para se casar com uma moça encantadora que tambem era conhecida nas letras, voltou ao serviço, por occasião da campanha de Italia, no estado maior do general Canrobert, foi nomeado chefe de esquadrão de caçadores depois da guerra e quebrou um dia a cabeça de encontro a um muro, tentando domar um cavallo fogoso. Pobre de Molenes.

GENERAL DU BARRAIL.

Homem-abestruz

Julgar-se-ia a custo que este phenomeno existe, ou antes existiu, porque o individuo acaba de succumbir tristemente das consequencias do seu excêntrico officio.

Com certeza os engulidores de espadas eram já considerados, na *nobre* corporação dos saltimbancos, como gente muito fora do commum e entretanto que differença entre um homem que introduz no tubo esophagiano 30 ou 40 centimetros de aço e o homem-abestruz que tinha como profissão engulir, nas praças publicas onde se exhibiu, os corpos os mais disparatados e os mais variados, taes como moedas (o patife bem sabia onde havia de tornar a encontrar-as), chaves, correntes de relógio, pregos, rolhas, etc., etc...

Mas tudo tem um fim neste mundo, mesmo um estomago tão complacente, e o desgraçado acrobata acaba de morrer na Inglaterra de uma perfuração intestinal que provocou uma peritonite mortal, occasionada por uma fivella de cinturão que o glutão enguliu junto com uma fita de couro.

Ora, não sendo coisa commum, um tal phenomeno, a sciencia que espreita todas as boas occasiões de nos cortar a carne, poz o seu embargo sobre o corpo do finado e foi designado um doutor para fazer a autopsia. Esta promettia ser interessante e o foi, com effeito.

Ninguem é capaz de imaginar o que foi retirado dos intestinos deste comedor de aço; mais de 50 pedaços de rolha (cujas garrafas com certeza elle esvasiara) 30 pedaços de ferro branco, (porque não havia de ser uma bateria de cozinha?) 10 peças de 10 centimos (pode-se estragar assim o dinheiro?) um anel de ferro, 12 tubos de cachimbo (depois de ter quebrado os dos outros, era natural que quebrasse o seu) um rosario, tres pedaços de couro, uma bala de chumbo, um enorme pedaço de cauchouc, jornaes (de todos os partidos, naturalmente) uma pelota, etc., etc., em uma palavra um verdadeiro armazem de bric-a-brac.

Cavacos

Quando estas linhas forem lidas por V. Exa. ja terá deixado de resoar por sobre esta cidade a gargalhada franca e expontanea do carnaval; já não se ouvirão os guizos da folia, agitados pela loucura... a humanidade inteira terá reentrado no seu triste fadario de todos os tempos... o trabalho vexatorio e extenuante, estimulado pelo aguilhão penetrante da necessidade.

E a paz ou mais propriamente a pasmeira terá de novo envolvido esta grande capital de tristes, de dyspepticos e de cardiacos...

E pagarão bem caro os que se divertiram em longos dias de travo e de amargor as poucas horas durante as quaes procuraram esquecer-se do terrivel: *memento, homo, quia pulveris est et inpulverem revertis*.

Esta é que é a triste verdade; o prazer passa celere e só deixa a acre saudade do que se vai, sem compaixão e sem piedade do que fica.

Mas a leitora terá se divertido nestas poucas horas e é isso o essencial... o mais importante.

E' ephemero o prazer, mas em todo o caso adormece um pouco a dôr constante desta tarefa cruel e impiedosa que se chama viver.

E o publico do Rio de Janeiro precisa tanto de se divertir... é elle tão triste por natureza!

Durante os longos 365 dias de que se compõe o anno, pode-se dizer, sem medo de errar, que não ha nesta capital um unico divertimento verdadeiramente popular.

O publico fluminense deixa-se absorver de todo pelo commercio, pela sêde do ganho, pelo desejo de accumular... e a existencia aqui se passa, na monotona e triste obrigação de ver passar centenas e centenas de carroças, carregadas com o triplo do pezo que podem supportar, atropelando uns, esmagando outros, estragando sempre a cidade que, seja dito entre parenthesis, é uma das mais feias do mundo.. Tirem-lhe a bahia Guanabara e o Corcovado e o Rio de Janeiro ficará reduzido a um montão de ruas, sujas como o peccado e calçadas de lama, ou de gramma.

Comprehende-se que em taes condições uma população não pode viver alegre, o meio material, como o meio moral, tudo mata, tudo axphyxia, tudo envelena.

O fluminense condemnado a viver entre as paredes maltratadas dos predios de sua cidade natal, tendo

por pontos de viação ruas em que chega a haver logares onde não podem passar duas pessoas juntas, deve ser forçosamente um individuo triste, mais propenso a olhar para terra, do que para o céu.

Com relação a passeios somos de uma pobreza franciscana.

Nem me fallem no Jardim Botânico, com as suas ruas de arvores muito extensas, muito tristes, muito silenciosas, nem na Tijuca, de cuja serra um christão póde perfeitamente voltar com uma perna de menos, nem de Villa-Isabel, onde por uma rua calçada um pobre diabo é obrigado a andar kilometros por sobre verdadeiros pantanos, correndo o risco de voltar para a casa com uma febre de mau caracter que o leve para o Cajú...

Com relação a theatros é o que se sabe: caros e muitos delles insulsos.

Onde ha de um homem se divertir? perguntamos nós.

Em sua casa com sua mulher e seus filhos, responderá a leitora, *menajère* delicada, muito amiga do seu lar e do conchego dos seus.

Não ousamos oppor contestação á leitora que assim pensa, mas sempre tomamos a liberdade de ir lembrando a phrase do poeta latino: *Varietas delectat*.

Um dia não são dias e creio mesmo que o divertimento faz parte da hygiene, mas parte integrante, essencial, póde-se dizer *sine qua non*.

Mas voltemos ao nosso ponto de partida.

A estas horas estamos em plena quaresma, nas semanas dolorosas de pesado luto que precedem a paixão de Christo.

E o carnaval ja la se foi.

Pois é penna porque passou muito depressa estes dias consagrados á Folia e ao deus Momo.

E não fallamos so pelo que acima fica dito, isto é pela necessidade que tem o povo de se divertir.

Fallamos tambem sob o ponto de vista politico. Sem que seja preciso ter-se descoberto a polvora, ninguem ignora que um povo que se diverte é um povo que anda muito contente com o seu governo, que lhe quer muito bem e que é até capaz de dar a vida por elle.

E um povo nestas condições póde fazer tudo, menos politica.

Com uma meia duzia de carnaves por anno, o povo se esqueceria de uma vez, de revoluções, conspirações, deposições e *tutti quanti* para só se lembrar que no curto trajecto de um misero mortal por este vale de lagrimas, não é misier ninguem matar-se, sem precisão.

E assim é que se cortaria de uma vez a cabeça da hydra.

E assim voltaria a paz á familia brasileira.

Carnaval e mais carnaval.

MONRIEN.

Que é feito do meu amor,
Annel d'oiro corredio?
O amor é folha cahida
Sobre a corrente do rio.

A estrea de um advogado

Um velho advogado do Sul da França contava ultimamente nestes termos sua estrea no jury de Carcassone:

«Eu era então tão joven quanto ingenuo, e pleiteava pela primeira vez. Tratava-se de um pobre diabo, accusado do roubo de um relógio de prata.

O summario do negocio, que eu havia estudado com cuidado, a insufficiencia de provas materiaes, a attitude tão correcta do accusado, tudo emfim me havia convencido da perfeita innocencia do meu cliente. Chegado o dia da audiencia pleiteei com este calor communicativo que dá a fé robusta e fui tão feliz que consegui a absolvição do accusado.

Sahindo do pretorio, o excellento homem atirou-se em meus braços exclamando:

—Oh! meu advogado, como o senhor fallou bem, e como eu lhe agradeço. Nunca esquecerei o serviço que me acaba de prestar e toda a minha vida ensinarei meus filhos a bem dizer o seu nome... Entretanto tenho ainda uma coisinha a pedir-lhe...

—Que é meu amigo?

—E' que fosse procurar o relógio.

—O relógio! de que relógio falla, então?

—Do relógio que disseram que eu furtei; enterrei-o lá embaixo, no pé de um grande carvalho da segunda avenida do passeio. E o senhor comprehende bem que observado, como poderia ser, não posso arriscar-me a ir buscal-o, enquanto o senhor, mesmo passeiando, cavará a terra com a sua bengala, encontral-o-ha e m'o trará.

—Mas, desgraçado, eras então tu mesmo o culpado, eras então um ladrão?

—Oral Ainda duvida disso? Devia entretanto considerar que, se eu fosse innocente, defender-me-hia a mim mesmo; mas como não o era, procurei um advogado e fiz despesas.

Ha muitas mulheres que seriam muito amáveis, se se esquecessem um pouco de que o são.

MARIVAL.

Como eu me tornei avo de mim mesmo

Casei-me com uma viuva que tinha de seu primeiro casamento uma filha já crescida.

Ora, meu pai ficou apaixonado por minha enteada e acabou, casando-se com ella.

Assim meu proprio pae tornou-se meu genro, e minha enteada, minha mãe, porque era a mulher de meu pae.

Algum tempo depois minha mulher deu-me um filho que foi o cunhado de meu pae e ao mesmo tempo meu tio, porque era o irmão de minha madrastra.

A mulher de meu pae, minha madrastra tornou-se mãe de um rapagão que se tornou por sua vez meu irmão e meu neto ao mesmo tempo, porque era o filho de minha filha.

Minha mulher era minha avó, porque era a mãe de minha madrastra; eu era o marido de minha mulher, naturalmente e seu neto tambem; e, como o marido da avó de uma pessoa é seu avó, eis porque meio eu me tornei meu proprio avó.

E' talvez um tanto embrulhado; mas isso pode-se dar perfeitamente, não acha a leitora?

Muitas mulheres, parece-me, preferem que se diga um pouco mal de sua virtude a que se elogie o seu espirito ou a sua belleza.

FONTENELLE.

*
*
*

A MATTOSINHOS JUNIOR

Uma noite, dessas em que o luar fulgente
Mais vespertina o seu doce clarão:
Eu vi em sonhos a cortezan ridente
Que me contára a lenda de seu coração.

Era-lhe a vóz saudosa um écho de harmonia,
Que vibra a harpa do gentil cantor;
Ella sentia — o que eu tambem sentia
E ambos choravamos pelo mesmo amor...

Desmaia após o luar de tristeza cheio!
Uma lagrima gelida lhe humedece o seio,
Ella quer a morte p'ra não mais viver...

Eu pedia das estrellas — o raio luminoso
Que lhe acclarasse os dias de infindo goso,
Que lhe dêsse á vida — o riso do prazer!...

ALVES MEDEIROS.

ECONOMIA DOMESTICA

Frango recheiado

Temos a seguinte receita para frangos á brasileira:

Abre-se um frango pelas costas, desossa-se e enche-se com miudos, alguns cogumellos picados, meia duzia de sardinhas salgadas e demolhadas, ou frescas, pouco sal, pimenta, salsa, uma cebola e dous cravos da India. Deita-se assim de molho, em agua, temperada com alho, pimenta, sal, azeite e vinagre; e, depois de passadas quatro a cinco horas, envolve-se o frango em pranchas de toucinho, assa-se na grelha e serve-se com o seu proprio molho.

THEATROS

Rio, 22 de Fevereiro de 1895.

Nada que valha uma simples menção; nada de novo.

O Recreio representa hoje um dramalhão amanhã outro, enquanto não põe em scena o famoso *Rocambole*; o Variedades dá representações carnavalescas da *Mimi Bilontra* com os sexos invertidos, concorrendo assim para o abastardamento da arte dramatica; o Sant'Anna revê os seus espectaculos com o *Dão da Africana*, a *Cornucopia do amor*, *Niniche*; etc.

*

A companhia do Lucinda partio para o S. Paulo, onde foi inaugurar o theatro Apollo.

*

Voltou de S. Paulo a companhia do Apollo, cuja reaparição está annunciada para amanhã.

Vae entrar immediatamente em ensaios a revista de 1894, escripta pelo nosso collega Arthur Azevedo.

X. Y. Z.

Quadro

E' noite serena e bella,
Nem uma nuvem no espaço;
Ao longe o céo, n'um abraço,
Estreita o mar sem procella.

De vez em quando uma estrella
Foge do niveo regaço,
E corre fazendo um traço
Por sobre a azulada umbella.

Em baixo, a terra, tranquilla,
Repousa silenciosa,
E a passarada não trilla.

Em cima, a lua, vaidosa,
Começa por sobre a villa
A fulgurar caprichosa.

JOÃO ALBERTO.

Janeiro — 1889.

AS NOSSAS GRAVURAS

Uma prisão

O nosso quadro representa uma prisão inesperada, nos terrive s tempos da Revolução Franceza.

A phisnomia dos circumstantes denota perfeitamente o espanto que se apoderou de todos... o que haveria? Era difficil uma resposta a esta pergunta, nestes tempos, em que a mais leve suspeita levava um homem á guilhotina. E o pobre condemnado partia, deixando no espirito dos seus, dos que ficavam, a incerteza, a duvida, a dôr profunda...

Era o martyrio atroz dos longos dias do Terror.

Meditando

Ella escreve. as suas memorias, quem sabe? Um romance talvez, talvez alguma pagina intima do coração, destes que só podem ser comprehendidos pelos que soffrem e pelos que amam.

E o seu olhar perde-se no vacuo, em busca da phrase que lhu escapa e de que entretanto precisa para vestir seu pensamento.

E o livro continúa aberto, a esfera da forma que se mostrou tardia.

Assim meu nome gravado
no teu vasio pensamento,
foi para sempre apagado
pelo frio esquecimento.

CORRESPONDENCIA

Jasmin—Já não sabemos qual o remedio contra os numerosissimos *descaminhos* no correio, pois as queixas ou reclamações de nada absolutamente valom.

Pereira—Mais valio uma boa traducção do que um mau original; o assumpto é mui proprio, mande, mas note que não nos obrigamos á publicação sem que tenha sido adaptado pelo nosso conselho de redacção. 84317—S. Luiz de Caco. os—Vide o numero de 15 de Junho passado e n'elle encontrareis o que desejaes.

Em viagem

Uma noite, em Kobe, em lugar de ir percorrer os bairros pittorescos da cidade, deixei-me ficar na banal casa de jantar do *Hôtel des Colonies*, commodamente sentado á beira do lume, conversando com uma senhora inglesa, viuva e já idosa, que sosinha viera da Australia passar os mezes de inverno ao Japão. Se não fossem os *Kaquemonos* authenticos, dependurados pelas paredes escaioladas da casa, e o barulho especial que nos vinha da rua do rodar sereno dos *jinrink shas*, junto com o tropear constante das *guetas* do povo, batendo forte nas pedras do passeio, julgar-me-hia em toda a parte, menos n'uma grande cidade do florescente imperio do Mikado.

Como essa minha delicada companheira de alguns dias levasse a sua amabilidade até ao ponto de me deixar acender um charuto, eu sentia-me completamente feliz, passando n'aquelle doce agasaho, no entanto que era uma longa viagem quando, como então, eu vinha já caminho do meu *home*. Conversámos por muito tempo, por largas horas. Ella, sentada defronte de mim, saboreava a pequenos goles o seu café, já frio, descansando de quando em quando a chicara sobre a pequenina mesa de charão que nos separava. Ao principio a nossa conversa não teve o maior interesse. Ambos tinhamos visitado mais ou menos os mesmos poyos, entrevisto as mesmas civilizações, admirado as mesmas paisagens. Trocadas as

nossas impressões de viagem, fallámos em poetas, em romancistas e terminamos por discutir o amor. Ahi é que o nosso desaccordo foi absoluto. E no entanto ella fallava como um livro aberto. Ao escutal-a, discorrendo com tamanha paixão, julgava ter diante de mim uma creança cheia de illusões, e convencia-me, que os cabellos brancos que polvilhavam a cabeça dessa respeitavel senhora, deviam vir de muito longe, da sua mocidade, de fundas feridas abertas no seu coração, que o tempo não lograra cicatrizar.

Para mim, não havia amor que não nascesse de uma forte impressão de belleza e de graça; ora, mercê das feias, belleza e graça é tudo quanto no mundo ha de mais largo, de mais extenso. Sempre que um homem encontra uma mulher que se lhe afigura bonita, o amar ou deixar de amar com paixão essa mulher depende unicamente da nossa vontade e do nosso raciocinio. Livre ella por seu lado, bem entendido, de corresponder ou não a esse amor, o que é sempre tambem na mulher o effeito da primeira impressão que o homem lhe causa. O gostar-se de alguem pelas qualidades que lhe descobrimos, póde levar a tudo, menos a esse sentimento que, por isso mesmo que é passageiro e ephemero, nasce como morre — repentinamente.

Ella achava-me contradicções, e não comprehendia que a vontade e o raciocinio entrassem para alguma cousa, considerando eu, como lhe parecia, o amor como uma geração espontanea. Eu tambem não comprehendia claramente, devo dizel-o, mas o tempo ia passando e a nossa conversa tornava-se cada vez mais animada.

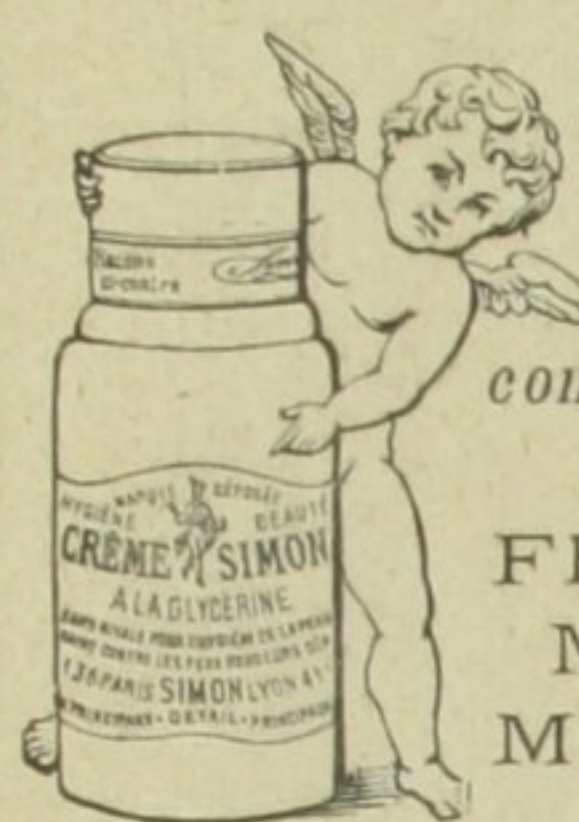
— Compreenda cada um como quizer o amor — dizia-me ella — o que é certo é que na nossa vida nada ha mais desgraçado. Eu, se tivesse uma filha, educal-a-ia no desprezo desse sentimento.

— Do homem, quer dizer, minha senhora, — e, levantando-me um instante, curvei-me respeitosa-mente como me cumpria.

— Não. O homem, as mais das vezes, é tão infeliz como nós, e, se elle é a causa dessa infelicidade, não é raro que o seja por uma fórma inconsciente. O terrivel no amor é sempre a fatalidade que o persegue. Senão, escute a historia, bem singela e bem simples, de uma amiga minha, que lhe vou contar:

Ha muitos annos já — era eu uma rapariga moça — Bessie encontrou em Paris, n'um baile, um estrangeiro como ella, que lhe causou uma profunda impressão. Como me lembra o dia seguinte ao desse baile, a confidencia de Bessie feita no Louvre, n'uma visita ao museu, em que nós, diante das nossas mães, fingiamos olhar para os quadros e não fallavamos senão delle. Delle, que eu nunca tinha visto e que Bessie só uma vez vira!

Durante todo o tempo que estive em Paris foi em vão que por toda a parte Bessie esgazeava os seus formosos olhos, procurando o seu desconhecido. Da America, para onde depois partiu, escreveu-me longas cartas; e, ou fosse em toda uma pagina, n'uma curta linha, ou n'um *post-scriptum*, sempre me fallava da sua aventura. Eu procurava dissuadi-la desse sonho, que não passava de uma phantasia muito parecida com uma teima de creança. Quando Bessie voltou para Inglaterra encontrei-a bem mudada. Tinha-



CRÈME SIMON
PARA
conservar ou dar
ao rosto
**FRESCURA
MACIEZA
MOCIDADE.**

Para proteger a epiderme contra as influencias perniciosas da atmosphaera, é indispensavel adoptar para a toilette diaria o **CRÈME SIMON**.

Os **PÓS DE ARROZ SIMON** e o **SABONETE Crème Simon**, preparados com glicerina, a sua acção benéfica é tão evidente que não ha ninguem que o use uma vez que não reconheça as suas grandes virtudes.

J. SIMON, 13, Rue Grange-Batelière, PARIS
PHARMACIAS, PERFUMERIAS
e lojas de Cabelleiros.

Desconfiar das Imitações.

**PARFUMERIE EXOTIQUE
E. SENET**
35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA de duque, de principe, por meio da **Pâte des Prélats**, que embranquece, alisa, assetina a epiderme, impede e destróe as frieiras e as rachas.

UM NARIZ PICADO de pequenas borbulhas ou com cravos torna a recuperar sua brancura primitiva e suas côres lisas por meio do **Anti-Bolbos**, producto sem igual e muito contrafeito.

CAUIDADO COM AS CONTRAFACÇÕES

Para ser bella a encantar todos os olhos deve-se servir da **Fleur de Pêche** pó de arroz feito com fructos exóticos.

POUCOS CABELLOS
Fazem-se crescer e cerrados empregando-se *l'Extrait Capillaire des Bénédictins du Mont-Majella*, que tambem impede que caiam e que fiquem brancos.

E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

NÃO ARRANQUEM MAIS
os dentes estragados, sanê-os e branqueie-os com *l'Elixir dentifrice des Bénédictins du Mont-Majella*.

E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

NINON DE LENGLOS

escarnecia da ruga, que jamais ousou macular-lhe a epiderme. Já passava dos 80 annos e conservava-se joven e bella, atirando sempre os pedaços da sua certidão de baptismo que rasgava á cara do Tempo, cuja foice embotava-se sobre sua encantadora physionomia, sem que nunca deixasse o menor traço. «Muito verde ainda!» via-se obrigado a dizer o velho rabugento, como a raposa de Lafontaine dizia das uvas. Este segredo, que a celebre e egoista faceira jamais confiara a quem quer que fosse das pessoas d'aquella época descobrio-o o Dr. Leconte entre as folhas de um volume de *L'Histoire amoureuse des gaules*, de Bussy-Rabutin, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e é actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON MAISON LECONTE, Rue du 4-Septembre, 31 à PARIS.**

Esta casa tem-no á disposição das nossas elegantes, sob o nome de **VERITABLE EAU DE NINON**, assim como as receitas que d'ella provêm, por exemplo, o

DUVET DE NINON
pó de arroz especial e refrigerante

Le Savon Crème de Ninon
especial para o rosto que limpa perfectamente a epiderme mais delicada sem alteral-a.

LAIT DE NINON
que dá alvura deslumbrante ao pescoço e aos hombros. Entre os productos conhecidos e apreciados da **PARFUMERIE NINON** contam-se:

LA POUDEUR CAPILLAIRE
que faz voltar os cabellos brancos á cor natural e existe em 12 cores;

SEVE SOURCILIERE
que augmenta, engrossa e bruna as pestanas e os supercilios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar;

LA PATE ET LA POUDEUR MANODERMALE DE NINON
lara finura, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Convem exigir e verificar o nome da casa e o endereço sobre o rotulo para evitar as imitações e falsificações

Em Casa de todos os Perfumistas e Cabelleiros de França e do estrangeiro

VELOUTINE

PÓ DE FLOR DE ARRÓZ especial
PREPARADO COM BISMUTHO POR

CH. FAY
Perfumista
9, Rue de la Paix, 9
PARIS

Perfumaria

E. COUDRAY

PÓS DE ARROZ
Magnolia — Opoponax — Lacteina
Heliotropo branco
Edelveiss — Velutina superior.

Perfumaria de Lacteina
Oleo de Quina Agua divina
Perfumaria Primavera
Bouquet choisi Perfume para o Lenço

PARIS — 13, Rue d'Enghien — PARIS

Depositos em todas as Perfumarias, Pharmacias e Cabelleiros da America.

Espartilhos
DA CASA

DE VERTUS SŒURS
PARIS

A afamada casa **DE VERTUS SŒURS** acaba de aperfeiçoar a forma dos espartilhos de sua fabrica, tão apreciados das senhoras elegantes.

O brim fabricado exclusivamente para este estabelecimento não só é mais flexivel e mais solido, como tambem é feito de tecido muitissimo fino como ainda não se tinha fabricado até agora.

Os ornamentos são muito mais ricos.

O ultimo modelo d'esses espartilhos tem do lado de dentro a data de 1894. Para evitar as contrafacções, todos esses espartilhos têm uma medalha de metal branco igual ao modelo abaixo.



MARCA REGISTRADA

lhe fugido de todo a alegria e na sua carinha branca apagavam-se desmaiadas as rosas dos seus dezoito annos. Ambas as nossas familias vijavam muito, quasi todos os annos. Assim aconteceu que passamos algum tempo sem nos vêr. As cartas de Bessie já me não fallavam da sua chimera, mas eram sempre de uma tristeza que me affligia. Um dia escreveu-me uma carta, onde essa tristeza era apenas mal disfarçada, e no emtanto fallava-me do seu casamento. «O meu noivo—dizia-me—é um rapaz muito agradável, bem educado, rico e bem nascido. Os papás, que desejavam este casamento, estão contentíssimos. Eu tambem».

Via-a depois. Não me foi preciso perguntar-lhe se era feliz. Sabia que não, e contudo d'esse casamento tinha nascido uma pequenina Bessie, encantadora como a mãe. Ella, que no casamento não encontrara a ventura com que todas nós sonhamos, soube concentrar toda a ardencia do seu desilludido amor na filha, que estre-meidamente amava. O tempo, quando se olha para traz, passa depressa mesmo para os que soffrem. Quando a filha era já uma senhora, n'aquelle mesmo Pariz em que o coração da mãe pela primeira vez acordara n'um sonho, tão depressa dissipado, encontrou, n'um baile tambem, um rapaz que era o retrato vivo do seu desconhecido de ha vinte annos. Calcule, se pôde, a triste surpresa da minha pobre amiga! Velha já, fóra do combate da vida, tendo diante de si, em toda a força, em toda a plenitude da sua mocidade, a imagem vivíssima d'aquelle a quem só amara no mundo!...

N'este momento abriu-se a porta da casa do jantar. Era um creado japonês com o seu amplo *haure*, que, muito respeitoso e curvado, perguntava n'uma linguagem quasi incomprehensivel se queriamos que nos servisse o chá. A minha companheira, interrogando-o com o olhar, respondeu que não, e presa de uma mal disfarçada commoção, proseguiu.

— O nosso heroe, deixe-me chamar-lhe assim, estava n'esse baile. Acompanhava o filho, que fazia pela Europa a sua primeira viagem de instrucção. Ao descobrir a pequena Bessie, elle a quem a belleza da mãe tambem em tempo não passara despercebida, pediu á dona da casa para lhe ser apresentado. E nos dois cantos oppostos da mesma sala, dois velhos fallavam com os seus amores de ha vinte annos, tão novos, tão meços como n'aquelle época distante!... E podiam ter sido bem felizes, que elle era já viuvo quando pela primeira vez viu a minha querida amiga. Visivelmente impressionada, Miss X levantou-se da cadeira e, com a sua mão um momento esquecida na minha ecrescentou:

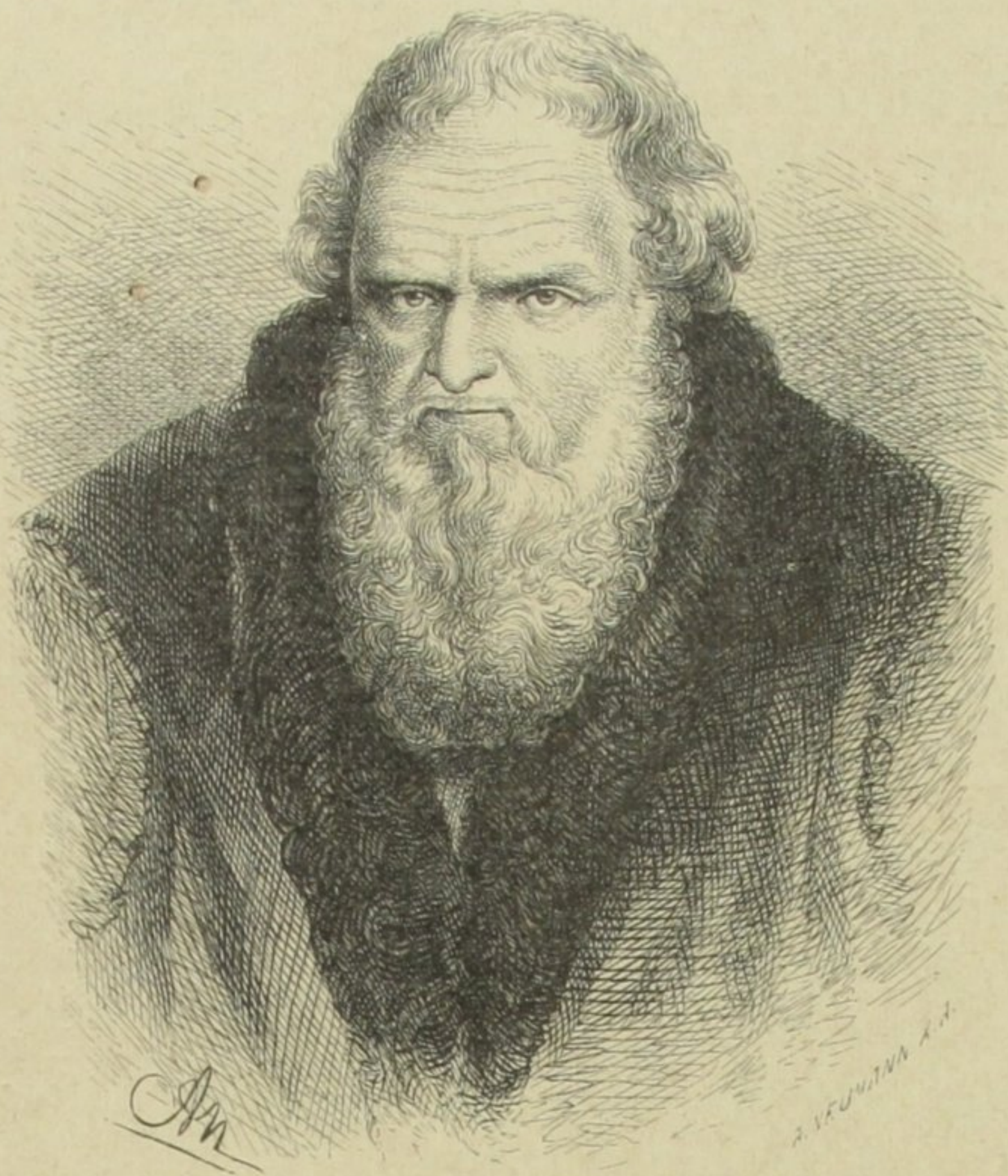
— Está ainda novo, meu caro, não despreze o conselho de uma velha. Deixe-se de theorias; não ha theorias em amor. Se por acaso n'esse pedaço de mundo que lhe resta ainda por percorrer, descobrir porventura alguem que lhe faça estremer o coração, lembre-se da historia que lhe acabei de contar. *Good night*.

Na minha travessia de Nova York para o Havre liguei-me a bordo com um russo, filho de um banqueiro, que depois de uma viagem de seis mezes pela America do Norte, recolhia a São Petersburgo. N'esse mesmo vapor vinha um enxame de louras americanas lindas como os amores. O meu amigo achava uma d'ellas deliciosa, tão encantadora que nunca quiz dirigir-lhe a palavra. Ella olhava-o com interesse e, quando eu lh'o fazia sentir, o russo dizia-me:

— Estou muito moço para me casar e sinto que por essa adoravel *miss* seria capaz de me perder!

Quando, no fim de oito dias de uma alegre viagem, desembarcamos no Havre, corremos á pequena estação do telegrapho estabelecida no proprio caes da companhia transatlantica. De todos nós, só o russo tinha um telegramma. Quando sahi encontrei-o á porta; pallido, meio desfallecido, tomou-me o braço e caminhámos na direcção do comboio, para onde a toda a pressa se fazia o transbordo das bagagens. Os nossos companheiros, com o prazer de quem desembarca, passeavam de um lado para o outro esperando o signal da partida. Entrámos n'uma das carruagens.

Então, o meu amigo, dando largas á sua dôr, até alli reprimida, traduziu-me o telegramma que acabara de receber. O pae tinha morrido depois de uma desgraçada quebra em que perdera toda a sua fortuna. Pobre rapaz, que triste viagem esta até Pariz! Apenas chegamos á *gare* Saint-Lazare partiu immediatamente para a *gare* do norte a tomar o comboio que liga com S. Petersburgo. Despedi-me com ternura e com saudade d'esse amigo de poucos dias, que ia resollvido a enterrar-se na Siberia com sua infeliz mãe, se porventura consaguisse salvar umas terras que



lá possuia. Ao entrar de novo na estação encontrei-me com a loura *miss*, que vinha sahindo com os paes. Ao apertar-me á mão não pôde conter-se e perguntou-me pelo meu amigo. Em duas palavras disse-lhe da desgraça que o ferira.

Nos seus olhos claros, limpidos e serenos, surpreendi uma lagrima! Desde ahí nunca mais me lembrei do meu russo que não sentisse o remorso de lhe não ter repetido a historia da velha ingleza de Kobe...

B. P.

Todas doutoras

Interior burguez—Mobilier rica e elegante, mas muito estragada e suja de pó.

(A scena passa-se no seculo XX).

O marido—rebuscando com impaciencia nas gavetas da commoda.—Nem um botão nas camisas! Succede-me sempre isso, quando estou com pressa (*Cha-*



MEDITANDO

mando) Francisca! Francisca! Onde estará mettida a creada? Não ha remedio senão ir procurar minha mulher.

*

A mulher está na sua bibliotheca rodeada de livros, trabalha na sua grande memoria para a Academia e que tem por titulo—*Das diferentes formas da liga no tempo de Semiramis*.

Elle, *graciosamente*, com a camisa na mão:

— O' filhinha, prega-me aqui este botão, por favor?

Ella—O que?

Elle—E' cousa de pouca monta... Um botão...

Ella, *impertigando-se*—O senhor não sabe que eu sou doutora em letras; socia da Academia e do Instituto de Coimbra, autora de diferentes obras?

Elle—Bem sei isso tudo, mas...

Ella—E queria que lhe pregasse um botão! Idiota!

Elle, *timidamente*; mas ao menos diz-me onde está a creada...

Ella—Na escola medica; foi hoje defender these.

Elle—Mas a minha camisa?

Ella, *com violencia*—Basta! Queira retirar-se.

Elle, *resignado*—Ca vou. Talvez a creada da cosinha saiba pregar-me o botão. (*Sae*).

Na cosinha—O fogão está acceso. De um lado vê-se uma caçarola, d'onde se escapa um cheiro infecto; do outro, retortas e alambiques.

A creada da cosinha, *examinando o conteúdo d'um provecto*—100, 107, é esta a formula! Acido nityro-cyanhydrico, protoxido de hydrogenio.

O patrão, *entrando*—Rosa, você pode pregar-me aqui um botão?

A creada, *agitando o provecto*—Veja como isto se combina... Só falta o reagente... Onde está elle?

O patrão—O botão? Está aqui.

A criada—Não é isso, é o meu sylphyrato de ammoniaco. Ah! ja sei, deite-o na carne assada.

O patrão, *aterrado*—Na carne assada! Você vae envenenar-nos a todos, mulher!

A creada—Não tem duvida! O que contraria é ter de metter as batatas no alambique. Mais uma experiencia que falhou.

O patrão, *impaciente*—Parece que todas as mulheres de hoje tem pancada na bola! Is o não pode continuar assim!... (*Sae*).

*

No quarto dos pequenos. Os *bebés* agatanham-se e fazem uma berraria infernal.

No meio deste charivari, a ama com os olhos postos no ceu, e ares inspirados compõe uma elegia:

«O' noite de ouro e azul. Abobada estrellada. O' lua, scismadora, rutilantes astros!...»

Falta-me agora uma rima para «estrellada».

O patrão—Diga-me cá; você é capaz de me pregar um botão?

A ama—Botão! Isso não rima. (*Continua*).

O' lua scismadora...

O patrão, *levantando as mãos ao ceu*—Tambem o inferno da ama! Que a leve os demonios!

(*Sae furioso e corre á casa do director de uma agencia de annuncios*).

Elle, *desesperado*—Isto não pode continuar assim. Queira-me publicar em todos os jornaes o annuncio seguinte:

«Precisa-se para casa de familia decente, uma criada que não saiba ler nem escrever; 4 libras por mez, fóra gorgeta».

O director da agencia—Nem ler nem escrever? Espere que logo apanha disso. Perca-lhe as esperanças, meu caro senhor. No hay.

Elle insistindo—Mas, si...

O director da agencia—Se pudesse existir uma só, não lh'a dava. Casava com ella.

Avaros

O avaro tem seu ouro,
Eu tenho teu amor.
Qual tem melhor thesouro,
Mais escondido, flor?

Sua moeda brilha
Menos que teu olhar...
Que luz, que maravilha,
Que ouro tão singular!

Morro, morre... Desgraça!
Tudo o que o avaro tem
Passa para outro... Passa
O teu amor tambem?

ALBERTO SILVA.

O jogador honesto

— Eu quero, disse Marion.
Ha muito tempo que elle renunciou ás resistencias e respondeu resignado:
— Eu quero tambem.

Ella replicou:

— Nós vamos jogar um jogo que eu inventei. Eis aqui. Eu digo-te uma coisa qualquer que me passa pelo sentido; se choras, eu ganhei; se sorris, terei perdido.

Elle suspirou:

— Uma vez que é o teu desejo.

— Escuta bem. Eu não te amo!

Elle deu uma gargalhada alegre e sonora.

— Ah! que maldade! disse ella. Tu ris para me fazeres perder. E' bem evidente que deverias chorar amargamente, só a idéa de que eu não sentisse por ti um ardente amor. Não se conta esta vez, não valeu.

Recomecemos a prova.

Somente dessa vez: se ris eu ganho, se choras eu perco

Elle suspirou.

— Uma vez que é tua phantasia.

— Escuta-me bem: amo-te muito.

Elle soluçou desesperadamente.

— Ah! que jogador deshonesto que és tu! Porque não te illuminou o rosto o mais extasiado dos sorrisos, por causa da ternura que eu te confessei?

Elle replicou muito humildemente:

— Acredita-me, Marion, de que a idéa de não ter

tua opinião nunca me poderia acudir. Eu fallarei e pensarei sempre como te agradar que eu falle e pense. Permitti-me, portanto, que te observe que no riso, como nas lagrimas, fui o mais leal dos jogadores, porque, instruido da perfeita e continua mentira com que uma fada, desde o teu berço, divinizou o encanto de teus vermelhos labios, tão queridos, nada podia egualar a minha alegria, ouvindo-te dizer que não me amavas, senão a amargura de ouvir da tua propria bocca que me amavas, que me amavas muito!

CATULLE MENDÉS.



UMA PRISÃO

Alvorada

A Aurora nasce.—A curva esbranquiçada
Do oriente illumina-se; um lençol
De pétalas de rosa desmaiada
Estende-se no leito do arrebol.

A luz vive no céu. Quasi apagada
Vacilla a estrella d'alva e foge; o Sól
Arrasta a côma pela azulea estrada
— Manto de sêdas fulvas do Tyról.

Um murmurio tenue se levanta
Das campinas em flôr e do rosal,
E esse leve sussurro é como a santa,

A immaculada prece matinal
Que ás Cousas cantam, e com ellas canta
Psalms á Vida a Orchestra universal!

MIGUEL BARROS.

Recife.

MOSAICO

Os homens fazem para si brilhantes trophes de
amor-proprio; as mulheres poeticos relicarios de sen-
timentos.

Só ha duas coisas bellas no mundo: as mulheres e
as rosas; duas coisas boas: as mulheres e os melões.

O amor que vem, sendo esperado, vae-se quando
menos se espera.

Terrivel é a violencia das ondas que levanta o mar
em furor, terrivel o sopro do fogo, terrivel o turbilhão
das torrentes, terrivel a pobresa, terriveis mil outros
flagellos: entretanto nenhum é mais terrivel do que a
mulher. Nenhuma côr poderá pintar este desastre,
nenhuma palavra dará uma idéa.

EUCLIDES.

A belleza é o primeiro presente que a natureza of-
ferece á mulher, mas tambem é o primeiro roubo
que lhe faz.

MERY.

A mulher que nós dá um beijo, dá-nos tudo, se
lh'o exigirmos.

CONSELHEIRO BASTOS.

A amizade de duas mulheres é sempre uma cons-
piração contra uma terceira.

ALPHONSE KARR.

A mulher é o zangão que come o doce mel feito
pelas abelhas.

HESÍODO.

Se ouvirdes uma mulher dizer mal do amor e um
homem de letras depreciar a consideração publica,
dizei de uma que seus encantos passam e do outro
que seu talento se perde.

DIDEROT.

DELETTREZ

EM PARIS
INVENTOR DA NOVA
PERFUMARIA
extra-fina
DE
AMARYLLIS
DU JAPON

Recommandada pelas Celebridades Medicas

Sabonete. de **AMARYLLIS DU JAPON**
Pó de Arroz. de **AMARYLLIS DU JAPON**
Essencia. de **AMARYLLIS DU JAPON**
Água de Toucador. de **AMARYLLIS DU JAPON**
Vinagre de Toucador de **AMARYLLIS DU JAPON**
Óleo para os Cabellos de **AMARYLLIS DU JAPON**
Brilhantina. de **AMARYLLIS DU JAPON**

3 Medalhas nas Exposições Universaes de 1878 e 1889

T. JONES

Fabricante
de Perfumaria Inglesa extra-fina

VICTORIA ESSENCIA

O mais delicioso perfume do Mundo.
Grande colleção de extratos extra-finos para lenço.

FLUIDE IATIF

Macia a pelle, embelleza-a e a torna flexivel
Faz desaparecer as espinhas e as rugas. Alivia toda
e qualquer irritação proveniente da mudança de clima e
dos banhos de mar. Ba-ta empregal-o uma só vez para
curar as rachos das mãos e dos beiços.

LA JUVENILE

Branca, Côr de Rosa ou Côr Rachel
Pó sem mistura alguma chimica, adhe ente e invisivel
para os cuidados do rosto, dando-lhe e conservando-lhe a
mocidade e frescura.
Preparado especialmente para ser empregado com o
fluido iatif.

LAIT IATIF, chamado LILY WASH

para embellezar a tez.
Este leite de côr branca, côr de rosa ou côr Rachel foi
o alvo de pesquisas muito especiaes. Substitue todos os
arrebiques, e pode ser empregado, sem o menor recelo,
no rosto, nos braços e nas espaldas.

CREAM IATIF

Conserva-se em todos os climas, basta experimental-o
para que se fique convencido da sua superioridade sobre
os outros Cold-Creams.

AGUA DE TOUCADOR JONES

Tonica e refrescante. Excelente contra as picadas de
insectos.

ELIXIR E PASTA SAMOHTI

Dentifricio antiseptico e tonico. Branquea os dentes e
fortifica as gengivas.

23, Boulevard des Capucines, 23, PARIS
Depositos em todas as principaes Perfumarias.

L. T. RIVER em PARIS
IMPORTADOR DA
Nova PERFUMARIA Extra-fina
AO
CORYLOPSIS DO JAPÃO

SABÃO ao CORYLOPSIS do JAPÃO
PÓ DE ARROZ ao CORYLOPSIS do JAPÃO
EXTRACTO ao CORYLOPSIS do JAPÃO
AGUA-TOUCADOR ao CORYLOPSIS do JAPÃO
LOTION ao CORYLOPSIS do JAPÃO

EMILANTINA ao CORYLOPSIS do JAPÃO
OLEO ao CORYLOPSIS do JAPÃO
TOMADA ao CORYLOPSIS do JAPÃO

XAROPE DE DENTIÇÃO

do Dr DELABARRÉ

Xarope sem narcotico recommendado ha ja
20 annos pelos medicos. Facilita a sahida dos
dentes, evita ou faz cessar os soffrimentos e todos
os accidentes da primeira dentição.

Exija-se o Carimbo official e a
assignatura Delabarre.

FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, Pariz
e em todas as pharmacias

PAPEL E CIGARROS ANTI-ASTHMATICOS

de Bⁱⁿ BARRAL

Recommandados pelas summidades medi-
cas. Preparações muitissimo efficazes para
a cura da ASTHMA, das OPPRESSÕES,
das ENXAQUECAS, etc. 15 ANNOS DE SUCCESOS.

FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, Pariz
e em todas as pharmacias.

NUNCA APPLIQUE-SE UM VESICATORIO SEM SE TER O

VESICATORIO DE ALBESPEYRES

o MAIS EFFICAZ e o MENOS DOLOROSO de TODOS os VESICATORIOS
Exija-se a Assignatura ALBESPEYRES no LADO VERDE
FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faub^o St-Denis, PARIS
E AS PRINCIPAES PHARMACIAS.

PILULAS DE BLANCARD

APPROVADAS PELA
ACADEMIA DE MEDICINA
DE PARIS

Resumem todas as
Propriedades
do IODO
e do FERRO.

40
Rua B naparte
PARIS



Estas Pilulas são de uma efficacia maravi-
lhosa contra a Anemia, Chlorose e todos
os casos em que se trata de combater a
Pobreza do Sangue.

PILULAS DE PEPSINA

DE
Pharmaceutico
HOGG EM PARIS
2, rua de Castiglione

1º PILULAS NUTRIMENTIVAS
de Pepsina acidificada contra as affecções gas-
tralgicas, dispepticas, etc., e nos casos em
que a digestão, é difficil ou impossivel.—
5 Fr. o frasco de 100 pilulas, 3 Fr. o meio frasco.
Dose: 2 pilulas antes 2 outras depois das refeições.

2º PILULAS de Pepsina e de Ferro reduzido
pelo hydrogeno contra as molestias chronicas e
as affecções que dependem dellas (perdas bran-
cas, côres pallidas, menstruações difficéis) e
para fortificar os temperamentos debilita-
dos. — 4 Fr. o frasco, 2 Fr. 50 o meio frasco.
Dose: de 2 a 4 pilulas por dia pela manhã e a noute.

3º PILULAS de Pepsina e Iodureto de Ferro
contra as molestias escrofulosas, lymphaticas
e syphiliticas, a phthisica, a cachexia chlo-
rotica e as affecções atonicas geracs da econo-
mia.— 4 Fr. o frasco, 2 Fr. 50 o meio frasco.
Dose: 2 a 4 pilulas por dia pela manhã e a noute.

Estas tres sortes de pilulas são prescriptas
diariamente pelos mais conceituados medicos.

DEPOSITO nas principaes PHARMACIAS do BRAZIL